

Nota sobre a natureza da globalização

Luciano Coutinho

Originário do mundo jornalístico o termo “globalização” logo vulgarizou-se e ganhou numerosos adeptos no universo político-ideológico. Alguns acadêmicos apressados (Ohmae, 1990) imaginaram, equivocadamente, que um mundo econômico sem fronteiras resultaria de uma suposta queda generalizada das barreiras comerciais e não-comerciais no intercâmbio internacional.¹ O evidente conteúdo ideológico emprestado ao termo “globalização”- fatalidade à qual todos os países deveriam se submeter, abrindo incondicionalmente suas fronteiras econômicas - provocou, sem dúvida, grande rejeição no meio científico.

O que esta nota pretende responder é, exatamente, se o termo “globalização” pode especificamente corresponder a fenômenos genuinamente novos, dentro da evolução do capitalismo pós-80 ou se deveria ser tratado apenas como mais um artifício ideológico.

Argumentaremos, neste breve artigo, que a economia mundial capitalista foi efetivamente objeto de rápidas e importantes transformações ao longo dos anos 80, de tal forma a configurar uma etapa nova e mais avançada de progresso tecnológico e de acumulação financeira de capitais; ou seja, caracterizando um estágio mais profundo e intenso de internacionalização da vida econômica, social, cultural e política. Por conseguinte, se especificarmos criteriosamente os processos recentes de transformação será possível atribuir conteúdo objetivo e nítido ao conceito de “globalização”.

Assim, consideraremos que a globalização pode ser entendida como um estágio mais avançado do processo histórico de internacionalização, correspondente a:

1. Uma etapa de forte aceleração da mudança tecnológica, caracterizada pela intensa difusão das inovações telemáticas e informáticas e pela emergência de um novo padrão de organização da produção e da gestão na indústria e nos serviços; padrão esse caracterizado pela articulação das cadeias de suprimento e de distribuição através de redes que minimizam estoques, desperdícios, períodos de produção e tempos-de-resposta, tornando os processos mais rápidos e eficientes. A superioridade competitiva deste novo padrão tornou imperiosa a sua adoção universal, evidentemente adaptada às peculiaridades nacionais;

(1) Ver crítica de Oman (1994).

2. A rápida difusão deste novo padrão de organização da produção e da gestão vem acentuando o peso do comércio regional intra-indústria (e também intra-firma, especialmente no caso das transnacionais) uma vez que os sistemas *just-in-time* e a resposta adaptada às demandas específicas dos mercados exigem uma certa proximidade física dos produtores com seus fornecedores e clientes/consumidores. Assim as grandes empresas oligopolistas tornam-se agentes ativos dos processos regionais de integração comercial na medida em que suas estratégias de produção e mercado são primordialmente regionais ou macro-regionais - enquanto que suas estratégias tecnológicas e financeiras permanecem sendo eminentemente globais ou mundiais.²

3. O avanço da concentração dos mercados dentro dos blocos regionais, assim como o contínuo aprofundamento da centralização do capital (através de fusões e aquisições) nos anos 80, contribuiu para a emergência de um número significativo de setores oligopolizados à escala mundial. Em várias indústrias importantes a internacionalização das grandes empresas japonesas (depois de ciclos de internacionalização das empresas americanas nos anos 50 e 60 e das européias nos anos 60 e 70) configurou uma situação de elevada concentração da concorrência mundial. Com efeito, os oligopólios mundiais ou globais caracterizam-se pela existência de poucos protagonistas poderosos (i.e. entre 10 e 12 “atores globais”) perseguindo estratégias de investimento em todos os mercados relevantes (i.e. invadindo os mercados dos rivais em todos os pólos da tríade). A inter-reação às estratégias dos rivais, em escala mundial, caracteriza uma situação de mútuo reconhecimento e interdependência de mercados - condição essencial aos oligopólios.

O caso mais conspícuo de oligopólio mundial é o da indústria automobilística, onde não mais que dez produtores internacionalizados dominam e competem por fatias de mercado em escala global. Outros exemplos podem ser mencionados, como o caso da indústria farmacêutica, de alguns setores de material elétrico pesado, informática, eletrônica de consumo, “cosméticos”, química, metais não-ferrosos. Em alguns casos (como o do alumínio e o da petroquímica), a concorrência mundial nos últimos anos contribuiu para “descartelizar” indústrias que, previamente já constituíam oligopólios mundiais desde os anos 60. Outras formas menos estáveis de cartelização ou de oligopolização global configuram-se em indústrias altamente especializadas, onde as economias cumulativas de escala são muito elevadas, ou em indústrias onde o grau de especialização é muito alto e o mercado mundial relativamente reduzido.

(2) Como veremos adiante as características dos processos macro-regionais de integração comercial (Comunidade Econômica Européia-CEE, *North American Free Trade Agreement*-NAFTA, Bacia do Pacífico) são bastante distintas, sendo específica em cada caso a intensidade da participação dos investimentos diretos por grandes empresas.

Exemplos destes dois casos são a indústria aeronáutica, vários segmentos de bens de capital e equipamentos sofisticados (instrumentação, supercomputadores).

A formação destes oligopólios globais não representa, contudo, uma novidade histórica, muito embora a significativa aceleração dos investimentos diretos de riscos nos últimos anos tenha contribuído para configurar um número expressivo de “novos” oligopólios globais ou mundiais nos anos 80. Esta constatação não implica dizer que tais oligopólios não possam vir a ser contestados por atores emergentes, especialmente dos NIC’s asiáticos, como é o caso dos Chaebols coreanos em alguns segmentos da eletrônica de consumo (TV’s e videocassetes) e da indústria automobilística.

4. A difusão desigual da mudança tecnológica entre os países centrais, caracterizada pela forte erosão da liderança industrial americana pelo movimento de unificação européia, e pela pujante ascensão da indústria japonesa conduziu a um quadro de policentrismo econômico - tripolar - em substituição à bipolaridade nuclear-militar, liquidada com a desestruturação da União Soviética. O policentrismo não se expressa apenas na formação de 3 grandes blocos regionais quase equivalentes mas, também, na pluripresença de bancos e empresas transnacionais originárias das principais economias (inclusive da japonesa cujas grandes empresas rapidamente tornaram-se protagonistas mundiais) e, ainda, através da fragmentação do sistema monetário internacional em que o dólar é contestado recorrentemente pelo iene e pelo marco-alemão enquanto moedas-reserva alternativas. Um sistema policêntrico com um *hegemon* fraco é intrinsecamente instável e interdependente na medida em que o polo mais importante (EUA) encontra-se em situação de inferioridade competitiva em muitos setores e enfrenta dois sérios desequilíbrios (comercial e fiscal) que o obrigam a depender, em parcela relevante, de fontes externas de financiamento.

5. A persistência destes desequilíbrios reverteu a posição do polo principal do sistema - os Estados Unidos - de nação-credora para nação-devedora. O financiamento do seu persistente duplo déficit, da balança comercial e das contas fiscais, desde o final dos anos 70, através do influxo de capitais externos, principalmente dos países superavitários, ampliou enormemente os movimentos de capitais e o volume das transações nos mercados cambiais globalmente integrados. A persistência dos déficits públicos (não apenas dos EUA), financiados através da emissão de títulos de alta liquidez e baixo risco, ofereceu o lastro para a alavancagem das transações nos mercados cambiais e permitiu o seu “aprofundamento” através de técnicas sofisticadas (i.e. derivativos: operações à termo, a futuro e *swaps*). O volume das transações financeiras com o exterior cresceu de menos de 10% do PIB dos países centrais em 1980 para mais de 100% dos respectivos PIB em 1992. A maioria dos analistas estima que o giro corrente

das transações no mercado de câmbio *spot*, global, atinge US\$ 1 trilhão por dia. A grande magnitude das transações cambiais secundárias e o rápido desenvolvimento das técnicas de *hedge* ou derivativos está evidentemente associada à grande volatilidade das taxas de câmbio, dentro do regime de taxas flutuantes ou de flutuação “administrada” que prevalece no sistema internacional desde meados dos anos 70. O crescimento dos derivativos foi, inicialmente, uma tentativa de neutralização dessa volatilidade mas à medida em que esta prática generalizou-se e seu volume tornou-se significativo, estas operações passaram a contribuir, elas mesmas, para instabilizar as paridades.

6. A notável intensificação dos investimentos diretos no exterior pelos bancos e transnacionais dos países centrais (com destaque para os *keiretsu* japoneses que finalmente se transnacionalizaram na década de oitenta) fez avançar ainda mais a interpenetração patrimonial dos sistemas capitalistas. Mas, além dos investimentos diretos, da unificação e agigantamento dos mercados cambiais, um novo e importante ator emergiu nos anos 80: os investidores institucionais. A participação dos fundos-de-pensão e companhias de seguro nos sistemas e mercados de capitais cresceu significativamente em todos os países³ e, simultaneamente, ocorreu uma diversificação de seus portfólios que passaram a reter parcela de ativos externos. Estudos recentes mostram que a presença dos investidores institucionais estrangeiros é forte nos mercados cambiais, sendo particularmente expressiva nos mercados de títulos públicos de elevada liquidez (Bisignano, 1994). Não obstante este avanço a parcela de ativos domésticos ainda é predominante (French e Poterba, 1991) indicando que a diversificação dos portfólios desses investidores em direção ao exterior ainda pode aumentar expressivamente. Portanto, o processo de interpenetração patrimonial ainda deverá avançar significativamente nas duas próximas décadas tendendo a integrar estreitamente os mercados de capitais dos países desenvolvidos.

7. Intensa e desigual mudança tecnológica, diferenciação das estruturas industriais e empresariais entre os países avançados resultando em grandes e persistentes desequilíbrios comerciais - erosão continuada da hegemonia americana e afirmação reiterada da competitividade do Japão e da Alemanha - caracterizam um cenário policêntrico (triádico), complexo e interdependente, cada vez mais integrado no campo das transações cambiais e financeiras.

Neste cenário de quase três décadas de déficit estrutural da balança comercial e da conta corrente dos EUA e adicionalmente de persistente déficit público, a moeda americana perdeu sua condição de funcionar como *standard*

(3) Os ativos totais das 300 maiores investidores institucionais norte-americanos ultrapassaram a marca de 110% do PIB em 1993 (totalizando US\$ 7,3 trilhões). Em 1975 estes investidores possuíam US\$ 535 bilhões, o que significava 30% do PIB dos EUA.

mundial de reserva de valor. As sucessivas desvalorizações do dólar frente às outras moedas fortes (o marco e o iene) desde meados dos anos 70, além de gravemente desgastantes do ponto de vista financeiro, não foram suficientes para compensar a perda de competitividade americana. A apreciação artificial do dólar na fase 78-81 (Volker-Reagan) baseada em juros muito elevados, evidenciou a sua fragilidade enquanto moeda-reserva central do sistema capitalista mundial.

Não se trata, evidentemente, de um problema trivial, mormente quando parcela dominante da riqueza mobiliária mundial (i.e. cerca de US\$ 25 trilhões) ainda é retida na forma de ativos financeiros denominados em dólar. Sob paridades cambiais flutuantes e ausência de um *standard* confiável a instabilidade é inevitável e permanente. A elevada mobilidade dos capitais financeiros, expressa na enorme magnitude das transações cambiais, amplia esta instabilidade e torna irresistível a especulação por parte de vários agentes líquidos, propensos ao risco. Ao resto do sistema, frente à imprevisibilidade e à violência potencial da especulação, não resta senão a prática sistemática do *hedge* que se manifesta no formidável crescimento do mercado de derivativos. Estas operações, no entanto, embora pareçam neutralizar os riscos no plano microeconômico, não são evidentemente capazes de eliminar os desequilíbrios macro-financeiros - ao contrário, podem agravá-los na medida em que em determinados momentos o seu resultado agregado seja incompatível com a mudança desejada do portfólio cambial/mobiliário dos agentes, configurando a possibilidade de rupturas ou de *crashes* extremamente perigosos para o conjunto do sistema (i.e. risco sistêmico).

Retornando ao ponto inicial sobre a natureza da globalização, depois de descrever as principais características das transformações recentes do capitalismo mundial, é possível resumir e assinalar os pontos seguintes:

- aceleração intensa e desigual da mudança tecnológica entre as economias centrais;
- reorganização dos padrões de gestão e de produção de tal forma a combinar os movimentos de globalização e regionalização;
- difusão desigual da revolução tecnológica, reiterando os desequilíbrios comerciais e de balanço de pagamentos, resultando num policentrismo econômico que substitui a bipolaridade nuclear do pós-guerra e se expressa na fragilização do dólar *vis-à-vis* o fortalecimento do iene e do marco;
- significativo aumento do número de oligopólios globais, dos fluxos de capitais e da interpenetração patrimonial (investimentos “cruzados” e aplicações financeiras por não-residentes) dentro da tríade;
- a ausência de um padrão monetário mundial estável, no contexto de taxas cambiais flutuantes, magnifica a especulação e os mecanismos de neutralização (derivativos) não são, entretanto, capazes de prevenir a possibilidade de rupturas sistêmicas.

Este é o conteúdo novo que se pode rigorosamente atribuir à globalização enquanto estágio mais avançado da internacionalização e da integração da economia mundial capitalista.

Luciano G. Coutinho é professor do Instituto de Economia da UNICAMP.

Referências bibliográficas

BISIGNANO, J. The internalization of financial markets: measurement, benefits and unexpected interdependence. *Cahiers Economiques et Monetaires*, Paris, v. 43, 1994.

FRENCH, K., POTERBA, J. *Investor diversification and international equity markets*. New York: NBER, 1991. (NBER Working paper, n. 3609)

OHMAE, K. *The borderless world*. 1990.

OMAN, C. *Globalization and regionalization: the challenge for developing countries*. Paris: OECD. Development Centre Studies, 1994.

Resumo

Esta nota objetiva discutir o conceito de globalização enquanto estágio mais avançado da internacionalização e da integração da economia mundial capitalista.

Abstract

This paper develops some brief reflections on the concept of globalization, regarded by the author as the most advanced stage of economic integration.